

PREÂMBULO

Entramos no vol. 43 dos TAE, com um duplo fascículo (1/2) cheio de temas diversificados e interessantes. Inauguramos também a relação com um novo distribuidor, particularmente profissionalizado neste campo de actividade, que espero venha a permitir uma maior difusão da revista. E confiamos em que o IPLB e a FCT continuem, como até aqui, a apoiar-nos, e que outras entidades também o façam, para que esta revista prossiga a sua carreira e os seus objectivos.

A SPAE e os TAE constituem um património científico e até moral, muito ligado à Universidade do Porto, que importa não só defender, mas incrementar. É o que persistentemente temos feito – falo naturalmente em nome da direcção da SPAE e da comissão redactorial da revista –, sem desalento, e apesar de todas as dificuldades, apenas certos da justeza do nosso caminho, e de com ele darmos continuidade à obra de vultos que fazem parte da história da UP e do Porto. Os leitores presentes e futuros desta revista – “núcleo duro” da actividade da associação –, os sócios, os colegas, os estudantes, todos os seus utentes, far-nos-ão justiça. E essa certeza dá-nos ânimo para prosseguir.

À Litografia A.C., de Braga, que nos últimos anos gratuitamente nos tem cedido precioso espaço de armazenamento para publicações da SPAE, o nosso agradecimento, nomeadamente na pessoa do seu proprietário, sr. António Candeias. Temos sido colaboradores constantes, para obviar a algumas das muitas carências (que talvez já tivessem feito outros, de diferente ténpera, desistir), não sendo a mais pequena delas o facto da SPAE ocupar apenas, já há anos, um pequeno cubículo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, nunca tendo tido uma sede apropriada.

Estamos praticamente reduzidos a uma “caixa de correio” – mas mesmo assim não quisemos nunca, nem queremos, romper o “cordão umbilical” que desde sempre nos une à FCUP. Os vários responsáveis, reiteradamente por nós contactados, sempre se têm mostrado sensíveis – nem algo diferente seria de esperar! – às nossas razões, mas sem que até agora daí tenham decorrido alterações práticas à situação vigente, alterações essas que não são adiáveis “ad aeternum”.

Dado que esta revista é também o elo de ligação entre todos os actuais sócios da SPAE, e a sua “montra pública”, fazemos assim daqui apelo a todos esses responsáveis, a diferentes níveis, pelas possibilidades de ultrapassagem desta situação – aliás em sequência da moção aprovada pelos sócios na última Assembleia Geral de 16 de Março de 2002, realizada nas instalações do Centro Unesco do Porto – para que nos concedam espaço de funcionamento minimamente condigno. Um espaço definitivo e estável, para desenvolvermos as nossas actividades, no interior daquela Faculdade, num reconhecimento devido ao nosso estatuto de Instituição de Utilidade Pública, e a um historial que vem desde 1918, que se não pode apagar, e o qual supomos ter sabido honrar nos últimos anos, através de dedicação desinteressada e diária, num mundo onde quase já ninguém se move senão por objectivos lucrativos, evidentes, e a curto prazo.

A nós, estimula-nos obviamente um outro tipo de “recompensa”, que começa pelo

reconhecimento das autoridades que presidem à nossa Universidade, e à Faculdade de Ciências em particular, pois é nela que estamos desde sempre albergados.

Aquele espaço deverá conter uma área de armazenamento de publicações – embora estejamos a pensar numa forma de em parte as escoar utilmente entre potenciais leitores, reduzindo ao mínimo o “espólio morto” – uma área de biblioteca, e uma área para trabalho corrente e reuniões. Nada disso precisa de ser muito grande, pois temos noção das carências gerais de espaço. Só esperamos um sinal de justiça, que estamos certos de que não nos será regateado, dentro de um espírito de bom senso e de concórdia, entre universitários, e tendo em vista o interesse da Antropologia e das ciências humanas em geral.

Estas são cada vez mais fulcrais num mundo em que se não desenvolvermos o conhecimento dos outros – através do estudo das pessoas e das sociedades, através do enriquecimento (e não da depredação) de um imenso património de experiências e de diversidades, e a decorrente prática da tolerância, permitindo o diálogo em comunidades crescentemente multiculturais – caminharemos para um beco sem saída, a nível mundial. O diagnóstico está feito até à exaustão – ainda recentemente estiveram na nossa universidade Marc Augé e Philippe Descola (por iniciativa do DCTP-FLUP – ver noticiário final) – que nos falaram do mundo contemporâneo e das suas perplexidades, enchendo anfiteatros de pessoas interessadas numa palavra que nos dê estímulo, calor, felicidade, esperança. Que vamos fazer para corresponder a essa expectativa? Prosseguir com serenidade e com trabalho, naturalmente.

Porto, Dezembro de 2002.

Vítor Oliveira Jorge